PROFESSOR: FABRICIO COELHO

DISCIPLINA: FILOSOFIA DA LINGUAGEM

TEMÁTICA DA AULA: A QUESTÃO DO SUJEITO(ANTROPOS) NO TRACTATUS DE WITTGENSTEIN.

Leitura Dirigida e Exercício Avaliativo II – *Tractatus Logico Philosophicus*

*ATENÇÃO PARA OS AVISOS.*

*OS DISCENTES DEVERÃO ME ENTREGAR ESTE EXERCÍCIO ATÉ O DIA 06/O4/20.*

*RECEBEREI OS EXERCÍCIOS PELO “GOOGLE CLASSROOM” (GOOGLE SALA DE AULA)*

*DEVERÃO ENTRAR NO “GOOGLE CLASSROOM”(PODEM ENTRAR PELO GMAIL, OU AINDA BAIXAR O APLICATIVO) E DIGITAR O* ***CÓDIGO*** *DA “TURMA DE FILOSOFIA DA LINGUAGEM”*

*CÓDIGO: mt5piaj*

Partindo do pressuposto que a *lógica* para Wittgenstein é um “*constructo metafísico”* que opera, organiza e constitui *mundo* (realidade), e que esta lógica é espelhada na proposição, e a partir disto ganha sentido - podemos conferir na proposição “*4.2:* O *sentido de uma proposição é sua concordância ou sua discordância com a possibilidade da subsistência ou não-subsistência de estados de coisas*.” (pg.82) - , devemos a partir deste momento compreender o que é este “*constructo metafísico”* e as implicações metodológicas que surgem do mesmo. Para tanto, também devemos levar em conta o que já foi dito pelo filósofo do Tractatus na proposição ““*4.121*. *A proposição não pode representar a forma lógica, esta espelha-se naquela. Não é possível representar o que se espelha na linguagem. O que se exprime na linguagem não podemos expressar por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exibe.*”(pg. 77).

Comecemos por analisar as proposições “5.552 *A* ***"experiência"*** *que precisamos para compreender a lógica, não é a de que algo está do seguinte modo, mas a de que algo e; esta, porém, não é uma experiência.* ***A lógica está antes de qualquer experiência*** *— de que algo é assim. Desse modo está antes do Como mas não antes do Que.”,*  e “*5.5521.* *E se não fôsse assim como poderíamos aplicar a lógica ? Poder-se-ia dizer:* ***se houvesse uma lógica ainda que não houvesse um mundo, como poderia haver uma lógica já que há um mundo ?****”* , ambas da página 109.

Wittgenstein chama a atenção para a constatação de que a lógica não é algo “experenciável”, esta já está antes de toda e qualquer experiência, é o que fundamenta em ultima análise uma experiência sobre o mundo. Daí a asserção interrogativa da proposição “*5.5521.[...]* ***se houvesse uma lógica ainda que não houvesse um mundo, como poderia haver uma lógica já que há um mundo ?***

Prosseguindo em nossa análise da *lógica* e seu espelhamento na *proposição,* temos a seguinte constatação por parte de Wittgenstein:

*“6.1. As proposições da lógica são tautologias.” (pg. 113)*

*“6.11. As proposições da lógica, portanto, não dizem nada.” (São as proposições analíticas.) (pg.114)*

*“6.12. As proposições da lógica são tautologias; isto mostra as propriedades (lógicas) formais da linguagem, do mundo[...].” (pg. 114).*

As proposições que se arrogam, ousam dizer algo a respeito do que seja a *lógica* são tautologias, ou seja, são redundâncias que nada mais apresentam do que propriedades formais (estruturas) da linguagem. A lógica mesma não pode ser exibida em uma proposição, ela é apenas espelhada, re-presentada. Por exibir as propriedades formais, ou seja, o modo como se estrutura uma proposição a partir do espelhamento da forma lógica do *mundo* na proposição, estas proposições são chamadas analíticas. Isto fica claro na proposição “*6.13. A lógica não é teoria, mas figuração especular do mundo*. ***A lógica é transcendental***.”(pg. 120). Não é teoria porque todas as vezes que incorremos no erro de dissertamos algo a respeito da mesma, resultamos em tautologias, por isso a lógica é apenas espelhada na proposição, figura o *mundo* na proposição, como um reflexo do *mundo* na proposição. A lógica é transcendental justamente por se configurar em uma instância **“*metafísica*”,** daí recordarmos o queo filósofo falara acima na proposição 5.552 sobre a mesma não ser **“experenciável”.**

E Wittgenstein conclui :

*“As proposições lógicas descrevem os andaimes do mundo, ou melhor, os representam. Não "tratam" de nada. Pressupõem que os nomes possuam denotação e as proposições elementares, sentido. E tal é sua vinculação com o mundo. É claro que isso deve indicar alguma coisa a respeito do mundo, que certas vinculações de símbolos — que essencialmente possuem um caráter determinado — são tautologias. E aqui está o que é decisivo. Dissemos que, nos símbolos que usamos, muito era arbitrário, muito não o era. E na lógica apenas isso se exprime;*

*o que quer dizer que na lógica nós não exprimimos o que queremos com a ajuda de signos, mas que a natureza dos signos naturalmente necessários, na lógica, asserta-se a si própria. Ao conhecermos a sintaxe lógica de uma linguagem simbólica qualquer, já estão dadas tidas as proposições da lógica.” (pg. 118)*

*“6.1224. Agora se torna claro porque a lógica foi chamada teoria das formas e das inferências. (pg.117).*

A partir destes desenvolvimentos podemos, com segurança, visualizar o que Wittgenstein entende por *sujeito(antropos).* Analisemos as proposições abaixo:

*“5.61.* ***A lógica preenche o mundo****,* ***os limites do mundo são também seus limites****.*

*[...]*

***Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos dizer o que não podemos pensar****.” (pg.111)*

*“5.62. Esta observação dá a chave para decidir da questão: até onde o solipsismo é uma verdade.* ***O que o solipsismo nomeadamente acha é inteiramente correto, mas isto se mostra em vez de deixar-se dizer****. Que o mundo é o meu mundo, isto se mostra porque os limites da linguagem (da linguagem que somente eu compreendo) denotam os limites de meu mundo.”(pg. 111)*

A lógica - o organizador de como as coisas se relacionam - que constitui mundo é o limite extremo, a instância máxima para podermos pensar o que quer seja a respeito do mesmo. Lembremo-nos que “*3. Pensamento é a figuração lógica dos fatos*” exibidos na proposição. Daí a afirmação categórica de Wittgenstein “*Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos dizer o que não podemos pensar.”* Não poder dizer o que não podemos pensar é não poder fazer figurações, não poder exibir na proposição uma situação que não exiba coisas se relacionando umas com as outras. Se este for o caso, estamos diante de proposições sem sentido, que podemos pensa-la. Exemplo: *“Deus é Amor”*.

Esta é, segundo o filósofo do Tractatus, a constatação essencial de que o solipsismo não se sustenta. O pensamento é uma relação intrínseca de como o operador que constitui mundo, que relaciona coisas umas com as outras (*lógica*), é espelhado na proposição. O pensamento não seria oriundo de uma consciência absoluta produtora de conceitos, apartada do *mundo* (solipsismo) . Além do mais, mundo para o sujeito seria os limites de sua própria linguagem, ou seja, como a sua linguagem (signo proposicional) conseguiria captar a situação, o horizonte em que as coisas estariam se relacionando. Exemplo: se dois indivíduos olhassem para uma mesma situação relacional de coisas, no nosso caso hipotético, uma mesa, uma mochila, uma apostila e uma lapiseira dentro de uma sala de aula, estes indivíduos poderiam representar este cenário de dois modos: 1- mesa do professor; 2- mesa de estudos. Esta diferença se daria por causa da representação, através do signo proposicional, da lógica que relaciona estes objetos entre si. Daí Wittgenstein afirmar “*5.631.Sou meu mundo(microcosmos)*” e concluir “*5.632. O sujeito representante e pensante não existe. Se escrevesse um livro: O mundo tal como encontro, deveria reportar-me a meu corpo e dizer quais membros estão sob minha vontade e quais não estão, etc. — isto é particularmente um método para isolar o sujeito, ou melhor, para indicar que não existe sujeito num sentido importante: deles sozinho não é possível tratar neste livro.”*

E o que seria então o sujeito?

EXERCÍCIO AVALIATIVO:

Nas proposições “*5.621*. *O mundo e a vida são um só*” e “5.632. *O sujeito não pertence ao mundo mas é limite dele*” , ambas da página 111, Wittgenstein coloca o sujeito (antropos) em uma situação, no mínimo, incômoda. Se a vida é *mundo*, e *mundo* é, em última análise, coisas se relacionando, e se o sujeito não pertence ao *mundo*, porém é limite dele, como poderemos identificar o *status ontológico* do sujeito?

Responda a esse questionamento se apoiando no que discorremos até aqui e, sobretudo, com o auxilio das proposições “*5.64. aqui se vê que o solipsismo, levado às últimas conseqüências, coincide com o realismo puro. O eu do solipsismo reduz-se a um ponto sem extensão, a realidade permanecendo coordenada a ele.”(pg. 112) ,* e “*5.641. Tem, portanto, sentido real falar-se, na filosofia, do eu de um ponto de vista não-psicológico. O eu penetra na filosofia porque o "mundo é meu mundo". O eu filosófico não é o homem, nem o corpo humano, nem a alma humana de que se ocupa a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite — não sendo pois parte do mundo.”*(pg.112)